

# MODA SUSTENTÁVEL E EMPODERAMENTO FEMININO ATRAVÉS DO ARTESANATO

*Sustainable fashion and female empowerment through crafts*

Lima, Jacqueline; Bacharel; Centro de Ensino Superior de Maringá, edithskosak@gmail.com<sup>1</sup>

Bertoso, Luciana da; Doutoranda; Universidade Federal do Paraná, lu.bertoso@gmail.com<sup>2</sup>

**Resumo:** Essa pesquisa tem por finalidade investigar como a moda sustentável e artesanal pode tornar-se instrumento de autonomia para mulheres. Para tanto foi realizado um estudo de campo na cidade de Ponta Grossa com a Associação de Feirantes de Economia Solidária (AFESOL), grupo que se dedica à produção de artigos de moda a partir de resíduos da indústria. Além disso, teve como fundamento teórico conceitos que abordam a sustentabilidade, a economia solidária, o artesanato e o empoderamento feminino. Como resultados categorizamos os dados encontrados com os fundamentos para compreensão das dimensões do empoderamento feminino neste grupo

**Palavras-chave:** Moda; Sustentabilidade; Empoderamento Feminino.

**Abstract:** This research aims to investigate how sustainable and artisanal fashion can become an instrument of autonomy for women. Therefore, a field study was carried out in the city of Ponta Grossa with the Associação de Feiras de Economia Solidária (AFESOL), a group dedicated to the production of fashion items from industrial waste. In addition, it was theoretically based on concepts that address sustainability, solidarity economy, handicrafts and female empowerment.

**Keywords:** Fashion; Sustainability; Female empowerment.

## Introdução

A moda no que tange a indústria têxtil é o segundo maior setor em geração de empregos na indústria da transformação, abrangendo áreas que transformam a matéria-prima em produto intermediário ou final, como o vestuário (ABIT, 2019).

Nesse contexto, a sustentabilidade na moda aliada à produção artesanal pode ser uma oportunidade para mulheres que a enxergam como uma forma de comunicação, criatividade e autonomia financeira. Como exemplo podemos citar as atividades artesanais e de cooperativas, dentre outras realizadas sob a ótica da economia social e solidária. Por isso, essa pesquisa tem o objetivo de descrever como a moda sustentável pode tornar-se instrumento do empoderamento feminino, ao entender como se dá tal atuação neste campo social amplo e complexo.

---

<sup>1</sup> Bacharel em moda pela Unicesumar de Ponta Grossa.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR. Mestre em Design. Possui especialização em Produção de Moda e Styling. Graduada em Design de Moda.



Para obter a compreensão sobre o objeto de estudo, foram realizadas pesquisa bibliográfica e documental sobre sustentabilidade e moda, economia social e solidária (ESS), artesanato e empoderamento feminino. Em seguida, foi realizado um estudo de campo na Associação de Feirantes de Economia Solidária (AFESOL), grupo composto em sua grande maioria por mulheres que atuam na produção de artigos de moda, tais como mochilas e bolsas, com a reutilização de malotes doados por instituições.

### **Sustentabilidade na moda**

De difícil compreensão, o Desenvolvimento Sustentável não pode ser entendido apenas como um crescimento quantitativo, mas de valores socioculturais intrinsecamente ligados às relações humanas. Por ser utópica, ou seja, impossível de ser alcançada completamente, a sustentabilidade deve ser compreendida como um conceito que ilustra o quanto é necessário avaliar todas as atividades sociais e considerar seus possíveis impactos (QUEIROZ, 2014). De processo lento e complexo requer mudanças nos modos de vida social a partir de um aprendizado coletivo (SANTOS, 2009).

Para compreensão do consumo sustentável Santos (2009) apresenta cinco níveis evolucionários para o seu alcance. Sendo o de **nível 1** de melhoria ambiental dos fluxos de produção e consumo, seleção adequada de materiais e energia (reciclagem e reuso); Já o **nível 2** de redesign ambiental do produto, é a readequação de um produto, visando facilitar o processo de reciclagem e reuso (produtos ambientalmente mais adequados); O **nível 3** envolve o projeto de um novo produto intrinsecamente mais sustentável, com a utilização de recursos de baixo impacto ambiental, otimização da vida útil do produto, extensão da vida dos materiais e facilitando a montagem e desmontagem do mesmo (exige mudanças no estilo de vida de seus usuários, estrutura da empresa e cadeia produtiva); O **nível 4** engloba o projeto de Sistema Produto + Serviços, exige uma mudança mais aprofundada na relação da produção de bens de consumo e satisfação do cliente, além mudança de paradigma, demanda conhecimento aprofundado de sistemas de serviço e mudanças na forma de mensuração de resultados (maior satisfação, oportunidade de inovação, relações mais estáveis e assertivas); E por fim, o **nível 5** visa a implementação de novos cenários de consumo “suficiente”, em oposição ao consumo “eficiente”, o mesmo é voltado à satisfazer as demandas com menor volume de recursos ao aproximar as necessidades das pessoas aos limites de recuperação do planeta terra, este nível exige mudança profunda com relação ao consumo pois compreende que o aumento da qualidade de vida não está associado a maior renda, uso de recursos naturais e tecnológicos e sim a um conjunto de fatores relacionados a equidade social e ambiental. Cada etapa descrita requer a



consciência e a prática da anterior; desta forma, os níveis podem ser uma ferramenta de orientação e análise da sustentabilidade na moda, auxiliando na percepção de como as marcas a aplicam em seus negócios.

Além disso Puppim, Mendes e Broega, (2018) apresentam uma categorização em subáreas de sustentabilidade na moda embasada nas produções científicas do Colóquio de Moda que podem auxiliar na compreensão das abordagens da sustentabilidade, ao identificar cinco subáreas necessárias na análise de moda sustentável: **Matéria-prima** (materiais e insumos que compõem o vestuário); **Processo** (etapas do ciclo de produção na indústria desde a criação até a costura); **Consumo** (práticas de compras e compreensão dos usuários, a duração e resistência dos produtos); **Final de ciclo de vida** (descarte, possível reutilização e reciclagem do produto de moda); **Transparência** (certificações e validações da sustentabilidade no que tange a moda. A partir dessas subáreas correlacionamos com os níveis de sustentabilidade de Santos (2009) para nos auxiliar na identificação da abordagem do design sustentável na moda, descritos na Tabela 1.

Tabela 1. Níveis e categorização da sustentabilidade na moda

Nível de sustentabilidade	Descrição	Exemplo na moda	Categorização subárea
Nível 1	Melhoria ambiental dos fluxos e de produção e consumo	Reciclagem de materiais, por exemplo, fibras feitas a partir de pet reciclado.	<b>Final de ciclo de vida</b> <b>Matéria-prima</b>
Nível 2	Redesign ambiental do produto	Upcycling, fibras orgânicas.	<b>Processo</b> <b>Matéria-prima</b>
Nível 3	Produto intrinsecamente mais sustentável.	Roupas: modulares, multiusos, unissex, de tamanho único e com menor demanda de energia para a produção.	<b>Consumo</b> <b>Processo</b> <b>Final de ciclo de vida</b>
Nível 4	Sistemas de produto associado ao serviço.	Guarda-roupa coletivo, consultoria, compartilhamento de produtos e serviços.	<b>Consumo</b> <b>Processo</b> <b>Matéria-prima</b> <b>Final de ciclo de vida</b>
Nível 5	Implementação de cenários de consumo "suficiente".	Mudança de paradigma, consumo consciente, roupas pensadas de maneira a gerar o menor impacto possível.	<b>Matéria-prima</b> <b>Processo</b> <b>Consumo</b> <b>Final de ciclo de vida</b> <b>Transparência</b>

Fonte: as autoras (2022)

A tabela 1 aponta que apenas o ultimo nível de sustentabilidade consegue integrar todas as subáreas categorizadas, uma vez que para ser um produto de moda integralmente sustentável é preciso o desenvolver de todos os níveis descritos acima.

De acordo com Salcedo (2014) para seguir o caminho da sustentabilidade é preciso deixar o individualismo e passar a focar no coletivo como o único meio a ser seguido. Esses preceitos se alinham com a economia social e solidária que busca uma nova lógica econômica, ao integrar dimensões culturais, políticas e éticas nas relações sociais.

### **Economia social e solidária, artesanato e o empoderamento feminino**

Conforme Simon e Boeira (2017) a economia social e solidária (ESS) é a união de dois conceitos que se completam e dão vazão as necessidades econômicas do homem contemporâneo. A partir da pluralidade, nas formas de produzir e distribuir os bens, ou, no modo de gestão a ESS favorece a atuação de uma economia mais justa, onde o capital está em função do trabalho e não de forma contrária como é no caso do capitalismo (SIMON; BOEIRA, 2017).

A atuação da economia solidária se desenvolve e surge como alternativa as crises de emprego ou como atenuante ao sistema capitalista, pois ela acolhe iniciativas que não conseguem se adequar a este sistema (CUNHA; PEYERL, 2018). Sendo um termo muito utilizado e bastante conhecido por diversos movimentos sociais, está entre o Estado e o mercado, de maneira que sua atuação acontece onde esses órgãos não conseguem agir efetivamente. (SIMON; BOEIRA, 2017).

A ESS se organiza a partir de fatores humanos e busca satisfazer necessidades de ganho econômico, qualidade de vida, autogestão e participação coletiva nas práticas econômicas e sociais. Ao absorver os excluídos do mercado de trabalho convencional, entre eles as mulheres, os inclui de forma a transformar seu papel na sociedade e permitir que ganhem cada vez mais visibilidade, além de aumentar sua autoestima e empoderamento. As mulheres se tornam proprietárias dos meios de produção em igualdade com os homens e sua remuneração não pode ser diferenciada, ou seja, é distribuída igualmente, entre todos os envolvidos nos empreendimentos solidários, independentemente do gênero (SIMON; BOEIRA, 2017).

Apesar de ser uma construção individual o empoderamento acontece por meio da participação cidadã e do aprofundamento da democracia, a ESS a fomenta ao proporcionar o desenvolvimento coletivo e individual, a partir da autogestão e ao construir as capacidades e potencializá-las (SIMON; BOEIRA, 2017). Fernandes et al. (2016) apresentam 5 dimensões do empoderamento feminino baseadas na literatura de diversos autores apresentadas na Tabela 2. Essa divisão apresentada pelo autor estabelece que o empoderamento não pode estar atrelado apenas a conceitos materiais, e que o mesmo é complexo e atinge vários aspectos da vida destas mulheres.



Tabela 2. As dimensões do Empoderamento feminino

<b>Categorias</b>	<b>Características</b>
Econômica	Mulheres ganham participação por meios de rendas próprias para produção familiar e controle sobre os ativos produtivos e bens;
Psicológicas	Mulheres apresentam a necessidade de crescer e se desenvolver por meio da autoconfiança e motivação, autoestima, bem-estar, senso de aceitação dos direitos;
Social/Educacional	Grupo de indivíduos capazes de desafiar concepções culturais agregando valor familiar;
Políticas e grupal	Engajamento com posição de autoridade por parte dos grupos;
Familiar	Envolvimento na capacidade de proteção e apoio a família.

Fonte: Fernandes et al. (2016)

A produção artesanal proporciona amplo desenvolvimento econômico e social desde seu surgimento até os dias atuais. (FIGUEIREDO et al., 2015). Ela detém cadeia produtiva que dispõe benefícios ao estimular e incentivar a atuação feminina (SEBRAE, 2016). Surge de forma empírica por meio das necessidades humanas básicas (FREITAS, 2017). Atualmente está passando por um processo de supervalorização e revitalização, pois sua produção favorece a identidade local e o resgate cultural ao ir contra a padronização promovida pela industrialização (SEBRAE, 2016). Na busca por renda, autonomia, e independência muitas mulheres se dedicam as atividades cooperadas e artesanais (SEBRAE 2016).

De acordo com Figueiredo et al. (2015). é necessário o emprego de muita criatividade e inovação para que a produção artesanal progrida com autonomia, reconhecimento e força, e assim, possibilite o desenvolver feminino no artesanato (FIGUEIREDO et al., 2015).

### **Metodologia**

Essa pesquisa tem natureza aplicada, buscamos analisar o empoderamento feminino através do artesanato, por meio de um estudo de campo, consideramos como moda a cadeia produtiva têxtil e de confecção, que vai desde a extração da matéria-prima até a comercialização dos produtos.

Os objetivos são de cunho exploratório, tem o intuito proporcionar maior familiaridade com o tema, para descrição dos fatos (GIL, 2002). E a abordagem é predominantemente qualitativa, que tem o ambiente como fonte principal de dados (GIL, 2002; PRODANOV, FREITAS, 2013). O estudo de campo foi realizado com a AFESOL, uma associação de artesãs, composta por cinco integrantes da terceira idade na cidade de Ponta Grossa, Paraná. As técnicas utilizadas para coleta de dados foram observação participante e entrevista semiestruturada, com o intuito de melhor compreensão do objeto de estudo, pela descrição

dos sujeitos sobre o assunto (PRODANOV, FREITAS, 2013). A análise dos dados foi realizada a partir do procedimento de análise de conteúdo pelo estabelecimento de categorias retiradas da fundamentação teórica e comparadas com o estudo de campo.

## Resultados

A AFESOL é uma associação composta por 5 mulheres que desenvolvem produtos a partir da reutilização de malotes doados pelos Correios e Banco do Brasil. Esses materiais passam por um processo de beneficiamento e customização para serem transformados em: bolsas, mochilas, aventais, pastas, sacolas, porta livros, entre outros. Sendo comercializados em uma feira realizada semanalmente na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

A partir da observação e entrevistas correlacionamos os resultados com as dimensões do empoderamento feminino de Fernandes et al. (2016), sintetizados com trechos de fala das participantes na Tabela 3.

Tabela 3. Análise das entrevistas com a AFESOL

Dimensões do empoderamento	Análise das entrevistas	Relatos e apontamentos
<b>Econômica:</b>	Atividade artesanal e a sustentabilidade, como instrumento de captação de renda e direitos para as mulheres.	<i>“O artesanato na minha vida é desde sempre, desde o início da adolescência”; “...em uma época que mulher não estudava e tinha que ser prendada, fui aprender em vários cursos...”; “eu só faço aquilo que eu posso trabalhar com reciclagem!”;</i>
<b>Psicológica:</b>	A participação e cooperação nas atividades desenvolvidas pelo grupo propiciam benefícios psicológicos.	<i>“...a gente fundou a nossa associação que é a AFESOL!”; “...O objetivo de todas é manter a associação...”; “...você dá o máximo de si pra que isso se torne melhor...”; “... aí cria um laço familiar...”;</i>
<b>Social/Educacional:</b>	A economia solidária e o trabalho coletivo permitiram que estas mulheres criassem uma associação que vai além da geração de renda, elas se afirmam e lutam para que a AFESOL se mantenha, como uma família.	<i>“abrimos mão de qualquer partilha pra manter a associação...”; “...a associação caminha com as próprias pernas...”; “...nós trabalhamos no coletivo pra manter a associação...”; “...o nosso eu é o nosso empoderamento...”; “...cada uma de nós tem o seu individual, então nós vamos para a feira temos o dinheiro do nosso individual, e o que entrar para a associação, entra para manter a associação...”;</i>
<b>Políticas e grupal:</b>	A economia solidária, a IESOL e a UEPG, a partir de seus conceitos, cursos de formação e encontros permitiram que essas artesãs ampliassem sua visão pessoal e em grupo, enquanto cidadãs detentoras de direitos, atuação, reconhecimento e posicionamento.	<i>“... a IESOL propôs que a gente formasse uma associação, para que a gente ficasse mais sólido e nos legalizasse...”; “... a economia solidária foi uma escola, uma universidade... por que eu aprendi muito com ela...”; “...aprendi trabalhando e convivendo com as pessoas, com os estudantes, com os professores e com os funcionários da UEPG...”; “...muito mais do que manter a nossa vida, sobreviver, a ganhar dinheiro...”; “...eu aprendi muito na convivência, com os professores que deram curso pra nós de economia solidária...”;</i>
<b>Familiar:</b>	Os encontros semanais permitem que uma fortalece a outra, onde	<i>“...isso aí cria um laço familiar...”; “...quando a gente vem pra associação a gente vem contente e alegre para fazer esse</i>

	além de gerarem o produto para a venda é regado a conversas troca de experiências pessoais e apoio mútuo.	<i>trabalho...”; “...por que tantos anos de vivência a gente se ama, por mais que tenha dificuldade e atrito você vem...”; “...você gosta da associação onde você tá...”; “...é uma família, a gente se conhece desde 2004, então entende a limitação de cada um...”;</i>
--	---	---

Fonte: As autoras (2022)

Com relação a sustentabilidade tomaremos como base os estudos de Santos (2009), correlacionando os dados coletados com os níveis de sustentabilidade, na Tabela 4.

Tabela 4. Comparativo dos níveis de sustentabilidade e estudo de campo

Nível - Santos (2009)	Exemplo na moda	Produção na AFESOL
Nível 1: Melhoria ambiental dos fluxos e de produção e consumo	Reciclagem de materiais diversos, possibilitando o reuso e aumentando seu ciclo de vida.	<i>“...por ser a matéria prima de tudo que você quer fazer caro eu só faço aquilo que eu posso trabalhar com reciclagem!...”; “...nós trabalhamos só com a reciclagem...”;</i>
Nível 2: Redesign ambiental do produto	Upcycling, transformação ou customização de peças e artigos de moda que passam a ter nova utilidade além de aumentar seu apelo estético e desejo por parte do consumidor.	<i>“...a gente pega essa matéria prima que tá suja ensebada e transforma num produto assim maravilhoso e durável né...”; “...e contribui com a natureza...”;</i>

Fonte: As autoras (2022)

A produção desenvolvida pelas artesãs da AFESOL se encontra nos níveis iniciais de sustentabilidade, ou seja, nível 1 e 2. Tais níveis não requerem grandes mudanças na produção de bens e serviços, se relacionam a reciclagem e ao reuso de matérias primas que seriam descartadas.

### Considerações finais

Este trabalho apresenta resultados de um projeto de iniciação científica em que teve intuito de investigar como a moda sustentável e artesanal pode tornar-se instrumento de autonomia para mulheres, por meio de um estudo de campo na AFESOL, em Ponta Grossa.

Foi possível constatar que o empoderamento para este grupo está mais atrelado as questões psicológicas e de socialização do que a geração de renda. Além disso, a produção artesanal com o uso de materiais recicláveis é algo viável, para elas, pois contribuem com fatores ambientais e dispendem de menor investimento de recursos. Para tanto é possível concluir que esta pesquisa traz uma descrição inicial sobre a correlação entre sustentabilidade, moda, artesanato e empoderamento feminino, possibilitando maiores aprofundamentos sobre a análise do processo de desenvolvimento de produtos para que se possa alcançar maior compreensão sobre a sustentabilidade econômica, social e ambiental.

### Referências

ABIT. **Perfil do Setor.** Disponível em: <<https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves; PEYERL, Drielli. Sustentabilidade, desenvolvimento local e economia solidária: a atuação da incubadora de empreendimentos solidários (IESOL) na região de Ponta Grossa - Paraná. In: VALADÃO, Adriano da Costa et al. **Percursos e experiências da incubadora de empreendimentos solidários.** Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2018. p. 13-263.

FERNANDES, Taize dos Santos et al. DIMENSÕES DO EMPODERAMENTO FEMININO: AUTONOMIA OU DEPENDÊNCIA?. **Alcance**, Santa Catarina, v. 23, n. 3, p.391-413, jul. 2016. Disponível em: <[www.univali.br/periodicos](http://www.univali.br/periodicos)>. Acesso em: 06 jun. 2019.

FREITAS, Ana Luiza Cerqueira. **DESIGN E ARTESANATO: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto.** Uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2017. 130 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

PUPPIM, Régis; MENDES, Luisa Arruda; BROEGA, Ana Cristina. SUSTENTABILIDADE NO COLÓQUIO DE MODA: MAPEAMENTO E CATEGORIZAÇÃO DE ARTIGOS. In: COLÓQUIO DE MODA, 14., 2018, Curitiba. **Anais.** Curitiba: Abepem, 2018. p. 1 - 17. Disponível em: <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20%202018/Grupos%20de%20Trabalho/GT%2010%20%20Moda%20e%20Sustentabilidade/Regis%20Puppim%20%20Estudo%20de%20categoriza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Artigos%20sobre%20Sustentabilidade%20no%20Col%C3%B3quio%20de%20Moda%20\(2012%20%202017\).pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20%202018/Grupos%20de%20Trabalho/GT%2010%20%20Moda%20e%20Sustentabilidade/Regis%20Puppim%20%20Estudo%20de%20categoriza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Artigos%20sobre%20Sustentabilidade%20no%20Col%C3%B3quio%20de%20Moda%20(2012%20%202017).pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2019.

QUEIROZ, Leila Lemgruber. **Utopia da sustentabilidade e transgressões do design.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

SALCEDO, Elena. **Moda ética para um futuro sustentável.** Barcelona: Gustavo Gili, 2014. 128 p.

SANTOS, Aguinaldo dos. Níveis de maturidade do design sustentável na dimensão ambiental. In: MORAES, Dijon de. **Caderno de estudos avançados m design: sustentabilidade.** Sustentabilidade. Minas Gerais: Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais, 2009. p. 13-26.

SEBRAE. **Artesanato Brasil.** 2016. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/dfad41051c6d27627519027375a462c0/\\$File/6078.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/dfad41051c6d27627519027375a462c0/$File/6078.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2019.

SIMON, Vanêssa Pereira; BOEIRA, Sérgio Luis. Economia social e solidária e empoderamento feminino. **Ciências Sociais Unisinos**, Florianópolis, v. 53, n. 3, p.532-542, set. 2017. Disponível em: <[http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2017.53.3.13](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2017.53.3.13)>. Acesso em: 12 maio 2019.